ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA E A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA: 1954 – 2006

MARIA STELLA DE AMORIM[1]
Professora Titular de Sociologia do IFCS/UFRJ
Docente do PPGD-UGF

Cumprimento a direção da ANPOCS pela realização da homenagem póstuma a Roberto Cardoso de Oliveira, falecido recentemente. Agradeço também pelo convite que me foi feito para participar desta mesa, como ex-aluna e colega que fui de Roberto na UFRJ.

Nesta ocasião, podemos dar continuidade a outras homenagens recebidas em vida por Roberto Cardoso de Oliveira, e coube a ANPOCS prestar-lhe a primeira homenagem póstuma durante esta reunião, que é a mais expressiva das Ciências Sociais brasileiras. É um momento triste, sem dúvida, em que não se pode contar com a presença de Mestre Cardoso, sempre atuante nas reuniões da ANPOCS. Entretanto, sua lembrança também nos traz o otimismo com que enfrentou os desafios da vida e da profissão, permeado pela ironia brincalhona com que costumava aliviar o próprio rigor asceta e o dos empreendimentos que realizou na Antropologia e nas Ciências Sociais brasileiras.

Costumo atribuir seus sucessos profissionais às suas qualidades, entre outras, a persistência obstinada pelo trabalho, a capacidade de caminhar em fronteiras inovadoras e de partilhar tanto o que lhe era conhecido, como a zona que lhe era desconhecida – portanto, problemática – com seus interlocutores, alunos, colegas e leitores. A meu ver, principalmente suas qualidades pessoais ancoram o sucesso que Roberto Cardoso obteve na formação avançada de tantos antropólogos e, por que não dizer, de cientistas sociais.

Anuário Antropológico/20072008, 2009: 151-161

Roberto não teve uma formação pós-graduada regular. Ele institucionalizou-se antropólogo por si mesmo. Poderíamos dizer que ele assim o fez a partir de 1955 e, logo a seguir, passou a instituir outros antropólogos, seus primeiros alunos e colaboradores, nos anos 1960. Não foi, dessa forma, um autodidata, como muitos de seus antecessores.

O contato inicial de Roberto com a antropologia foi quase casual. Graduado em filosofia pela USP em 1952, conservou essa identidade, sempre mencionando seus professores da Missão Francesa na USP, na ocasião integrada por Gilles-Gaston Granger – a quem dedicou, em 1991, seu livro sobre Lévy-Bruhl – Claude Lefort e Roger Bastide. Também seus mestres brasileiros eram sempre por ele lembrados, a exemplo de Cruz Costa, seu professor de História das Ideias no Brasil, e Lívio Teixeira, que ministrava os cursos de História da Filosofia na USP. Desfrutou do convívio com vários de seus colegas contemporâneos na graduação, mantendo contatos estreitos, entre outros, com José Arthur Giannotti e Rodolfo Azzi, com os quais estabelecia interlocução que considerava privilegiada sobre a epistemologia da matemática e da psicologia.

Já em seu último ano de graduação na USP, Roberto foi o único de sua turma a escolher a especialização em sociologia, com Florestan Fernandes, mestre que o influenciara marcadamente. como seu único aluno e residindo na rua Nebrasca, a mesma em que morava Florestan, Roberto passou a ter aulas na casa de seu mestre e com ele manteve profícua discussão sobre dois textos então elaborados por Florestan e que vieram a ser incorporados na publicação dos *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*, livro que se tornaria leitura obrigatória nos primeiros cursos que Roberto lecionou no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Conheceu Gilda Cardoso na graduação da USP, colega da mesma turma, com quem se casou ainda estudante. Gilda se tornaria a mãe de seus quatro filhos e a grande companheira de toda a vida de

Roberto. Afastada da profissão, ela encarregou-se da família, o que proporcionou a Roberto excelentes condições para que se dedicasse à própria formação e aos empreendimentos acadêmicos que realizou.

Enquanto estudante e depois de graduado, Roberto exerceu entusiasticamente a profissão de jornalista. Em 1953 foi assistir em São Paulo a uma conferência de Darcy Ribeiro sobre a situação dos índios brasileiros, e a ele foi apresentado por Og Leme, economista e também formado pela Escola Livre de Sociologia e Política, na qual fora colega de Darcy. Conversaram brevemente e logo Darcy convidou Roberto para vir para o Rio de Janeiro trabalhar no então SPI.

Contou-me Roberto que se sentiu apreensivo tanto pela pouca familiaridade que tinha com a situação dos índios brasileiros, como pela mudança de suas preocupações com a epistemologia das ciências sociais para a antropologia. Mas Darcy propôs-lhe um ano para estudar etnologia e se preparar para fazer pesquisa de campo entre os índios.

Em janeiro de 1954, Roberto mudou-se para o Rio com a esposa e o primogênito Luís. Começou a trabalhar no SPI, absorvido pelo Museu do Índio e depois pela FUNAI. Ali, Roberto travou estreitos contatos com Eduardo Galvão, na época o único antropólogo brasileiro que possuía o título de doutor em antropologia, obtido no exterior, na Columbia University. A manipulação de relatórios de grupos indígenas brasileiros, associada ao percurso de clássicos e contemporâneos da antropologia, levou Roberto a aceitar o desafio de realizar trabalho de campo entre os Terêna, no sul do antigo estado de Mato Grosso.

Em 1958, Roberto e Eduardo Galvão desligaram-se do SPI devido a incompatibilidades com sua chefia, em função da política indigenista que lhe havia sido impressa. Convidado por Luís de Castro Faria, Roberto passou a integrar a antiga Divisão de Antropologia do Museu Nacional, da então Universidade do Brasil (hoje UFRJ). A editora do

Museu Nacional publicou em 1960 seu primeiro livro: *O processo de assimilação dos Terêna*. Iniciou então uma de suas principais iniciativas pessoais, ministrando cursos anuais de especialização em antropologia no Museu Nacional, em 1960, 1961, 1962. Digo serem estas realizações pessoais porque antes o Museu Nacional jamais havia abrigado qualquer curso de antropologia. Desde as primeiras iniciativas até a criação regular da Pós-graduação em Antropologia no Museu Nacional, pode se dizer, sem sombra de qualquer dúvida, que Roberto foi o instituidor por excelência da formação avançada de antropólogos no Rio de Janeiro, e que tanto a sua experiência como a formação proporcionada a seus alunos ramificaram-se para outras partes do Brasil. Não foi sem razão que por proposta do IFCS-UFRJ, em 1989, Roberto recebeu o título de Doutor *Honoris Causa*, concedido pelo Conselho Universitário da UFRJ, durante as comemorações dos 50 anos do Curso de Ciências Sociais, o primeiro criado no Rio de Janeiro, depois do da USP, que o antecedeu.

Roberto não tinha a intenção de buscar a própria formação avançada imediatamente. Seu interesse era pelo aprimoramento de sua prática e de um grupo de estudantes que formara entre 1960 e 1962 na pesquisa antropológica. Em depoimento que prestou por ocasião da comemoração dos 20 anos do PPGAS-UFRJ, relatou que seu plano pessoal não incluía a realização imediata de um doutorado, porque estava afastado da vida universitária – antigamente mantida separada das instituições de pesquisa – e que, ao conhecer o Parecer Sucupira, admitiu a urgência de obter o seu doutoramento para que pudesse levar avante seu empreendimento na pós-graduação *stricto sensu*. Dizia ele textualmente que "[...] vindo da filosofia, pretendia acumular mais experiência em pesquisa empírica, para almejar um título que na época, segundo os padrões da USP, era [...] de indiscutível senioridade [...] Naquele momento, metade dos anos 60, eu [dizia Roberto] já me sentia mais seguro, com as pesquisas realizadas entre os Terêna e os Tukuna [...]".

Roberto voltou aos Terêna e em 1966 obteve o seu doutorado na USP, sob a orientação de Florestan Fernandes, com a tese *Urbanização e Tribalismo: a integração dos Terêna em uma sociedade de classes*. Em 1968 já iniciava o PPGAS, com a criação do mestrado no Museu Nacional.

A história de criação do PPGAS-UFRJ já vinha sendo engendrada desde o seu projeto "áreas de fricção interétnica no Brasil", ao qual agregou trabalhos de seus primeiros alunos a partir dos anos 60; e também do "Harvard Central Brasil Research Project", em que contou com a importante colaboração de David Maybury Lewis, propiciando a acolhida de estudantes de Harvard no Museu Nacional e a estada de jovens pesquisadores de seu grupo de pesquisa no Departamento de Antropologia de Harvard. Maybury-Lewis participou ativamente ao lado de Roberto Cardoso da criação do PPGAS no Museu Nacional, principalmente nos primeiros semestres do mestrado, quando lecionou e coordenou parte do projeto de pesquisa em que se ancorava o projeto inicial.

A obra legada por Roberto à Antropologia brasileira inclui mais de uma centena de artigos e 16 livros. Da incursão que empreendi em sua obra em fins 2000 resultou uma classificação de temas por ele privilegiados. Essa tentativa foi difícil e pouco satisfatória para mim, porque me surpreendia com a recorrência de temas em trabalhos de épocas muito distintas e também com a introdução de novas temáticas que se me afiguravam não exploradas anteriormente. Alguns temas configuravam-se descontínuos, mas seus escritos sempre acabavam por lhes dar continuidade. Em meio a esses dilemas, decidi enfatizar três itinerários que me pareciam percorrer sua obra.

I – RELAÇÕES INTERÉTNICAS, envolvendo noções que não foram abandonadas em sua obra, como a "fricção interétnica", o "colonialismo interno", o "campesinato indígena" e a "identidade

étnica". Nesse itinerário encontram-se seus livros *O processo de Assimilação dos Terêna* (1960); *O índio e o mundo dos brancos* (1964); *Urbanização e Tribalismo: a integração dos Terêna numa sociedade de classes* (1968); *A sociologia do Brasil indígena* (1972); *Identidade, etnia e estrutura social* (1976); *A crise do indigenismo* (1988) e, mais recentemente, *Diários e suas margens. Viagens aos territórios Terêna e Tukuna* (2002).

II – EPISTEMOLOGIA E ANTROPOLOGIA compõem um itinerário que envolve preocupações com a construção do pensamento antropológico (ou com uma antropologia do conhecimento antropológico) e com uma epistemologia histórica da antropologia. Neste eixo estão alguns autores datados entre fins do século XIX e início do século XX que, segundo Roberto, apresentam questões epistêmicas relevantes para a constituição do pensamento antropológico. São eles Mauss, Rivers e Lévy-Bruhl. Os livros mais importantes nesse itinerário percorrido por Roberto são *Marcel Mauss* (1979); *Sobre o pensamento antropológico* (1988) – o livro mais destacado deste eixo; *A antropologia de Rivers* (1991); *Razão e Afetividade. O pensamento de Lucién Lévy Bruhl* (1991); *Estilos de antropologia* (1995) – em coautoria com Guilhermo Raul Ruben; *O trabalho antropológico* (1999), primeira e segunda partes.

III – A ÉTICA DISCURSIVA NO CONTEXTO DA ANTROPOLOGIA. Inspira-se, sobretudo, em dois autores da Escola Crítica: Habermas e Karl Otto-Apel. Aliando a epistemologia à ética, Roberto submete o *metiér* do antropólogo à apreciação científica e ética, relacionando suas preocupações epistemológicas com as experiências do trabalho de campo. Nesse sentido, e muito resumidamente, Roberto aprecia dois níveis de discurso: o dos sujeitos observados e o do antropólogo que, em um nível, estariam envolvidos em interlocução e, no outro, passaria a ser elaborado pelo antropólogo,

no ato de escrever ou, como ele chama, no ato de "contextualizar o conhecimento". Admite assim que daí adviriam duas possibilidades: consensualização ética resultante do discurso intercultural e a continuidade entre a microesfera, território do diálogo local, e a macroesfera, na qual a construção antropológica, a despeito da diversidade, alcançaria representatividade planetária, como acontece, por exemplo, quando antropólogos apresentam seus trabalhos em eventos científicos internacionais. Seus principais livros nesse percurso seriam *Ensaios antropológicos sobre moral e ética* (1966) – em co-autoria com Luís Roberto Cardoso de Oliveira; *O trabalho antropológico* (1999), terceira parte, capítulos 9 e 10. Mais de uma centena de artigos escritos por RCO melhor ilustrariam as vertentes principais de sua obra, mas a opção que ora adotei limitou-se apenas a mencionar seus livros.

Os caminhos percorridos em sua obra revelam de certa forma seus vínculos institucionais, incluindo os territórios físicos e de interlocução intelectual que experimentou com autores que privilegiou, com colegas e com alunos, ensejando a recorrência de temas que ora recuam, ora avançam e se desdobram sob novas visões ampliadas. O eixo sobre Relações Interétnicas, por exemplo, situa-se principalmente no SPI e no Museu Nacional, e prossegue em sua primeira fase na UnB. O eixo Epistemologia e Antropologia se inicia em sua primeira fase na UnB e prossegue na Unicamp, onde ocorre uma retomada mais acentuada da filosofia, sua formação inicial. O eixo que comporta Ética Discursiva e Antropologia é engendrado na UNICAMP e prossegue na segunda fase da UnB.

Evidentemente a obra de Roberto pode receber muitas outras leituras, e a minha é apenas uma primeira aproximação que busca surpreender seus traços mais marcantes.

Iniciei dizendo que as realizações de Roberto a favor da Antropologia brasileira dependeram muito mais de suas características pessoais do que de formações ou filiações a

pensamentos ou a correntes particulares. Ele navegou solto em mares calmos ou revoltos, entre a singularidade e a diversidade, entre a rigidez de princípios orientadores de sua conduta pessoal e profissional e a adaptação flexível às situações que a vida lhe impôs e às instituições por onde passou, como o SPI, o Museu Nacional, a UnB e a Unicamp. Entre as tensões e as complementaridades que marcaram sua vida e sua antropologia, esteve sempre abraçado aos conflitos e aos dissensos, procurando compreendê-los e harmonizá-los, buscando na ética uma espécie de reencontro com a paz e com o avanço, este sempre lhe trazendo novas tensões.

Foi um professor rígido, assim reconhecido por seus alunos, sobretudo os primeiros, que só a ele tinham como mestre. Vivenciou, talvez como nenhum outro professor, as tensões entre o ensinar, o aprender e o pesquisar. Seu nível de exigência muitas vezes deixava seus alunos desesperados, ao lhe entregarem trabalhos que julgavam aceitáveis e que, uma vez cuidadosamente revistos por ele, tornavam-se execráveis. Porém, era um interlocutor privilegiado para os que o tiveram como mestre. Ao mesmo tempo em que era rígido, tornava-se solidário com seus estudantes, profissionalizava-os e apoiava-os na carreira. Não foi sem razão que ganhou a alcunha de fundador de um clã antropológico, cujas ramificações se estenderam pelo Brasil afora.

Minhas palavras sobre Roberto não poderiam ser concluídas sem as dele. Em entrevista concedida à *Ciência Hoje* (vol. 15, n. 88, 1993), ao ser indagado sobre o que seria o *ethos* do professor de ensino superior, respondeu:

> É assumir a profissão de professor universitário, tendo como referência um campo de honra básico, sentir-se honrado de ter essa profissão. Você atualiza essa honra diuturnamente, o famoso *full time*, o tempo integral. É mais do que um simples contrato de trabalho. É um contrato divino, no seu sentido mais clássico. Desde que você assume a profissão

> [...] você carrega todos os deveres e você se compraz desses deveres. É o conjunto desses deveres que constitui alguém como pessoa. É você procurar ensinar, dialogar, procurar exercitar a profissão, nas suas duas faces, o ensino e a pesquisa, a comunicação e a produção de conhecimentos.

Aos sinais da morte que o rondava respondia com o otimismo e com as esperanças que a todos transmitiu. Mas ela o levou rápida e impiedosamente no dia 21 de julho de 2006, aos 78 anos de idade. Entretanto, ela não poderá levar nem nossas lembranças, nem os feitos que Roberto realizou em favor da Antropologia e da Ciência Social brasileiras.

Nota

[1] Professora Titular de Sociologia do IFCS/UFRJ, aposentada e atual docente do PPGD-UGF. Texto apresentado no 30º Encontro Anual da ANPOCS, realizado em Caxambu (MG), em outubro de 2006, na Sessão Especial 03, coordenada pelo professor Gabriel Cohn (USP), tendo como palestrantes os professores Roque Laraia (UnB e UCG), Luís Roberto Cardoso de Oliveira (UnB) e a autora do presente texto.

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA E A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA: 1954 - 2006

Resumo

Homenagem póstuma a Roberto Cardoso de Oliveira, promovida durante o 30º Encontro da ANPOCS, relembra suas realizações como profissional e como pessoa. A persistência obstinada pelo trabalho, o empreendedorismo pioneiro na institucionalização avançada da antropologia brasileira e as tensões em fronteiras do conhecimento antropológico presentes em seus escritos são legados importantes para a história das ciências sociais brasileiras. Ele manteve 52 anos de vida acadêmica ativa, como docente, pesquisador e administrador de atividades acadêmicas. Tornou-se um instituidor por excelência de cursos avançados da antropologia brasileira, no Museu Nacional (UFRJ, Rio de Janeiro) e, posteriormente, na UnB (Brasília, DF) e na UNICAMP (Campinas, SP) de onde se aposentou. Em 1995 retornou para a UnB, vindo a falecer em 21 de julho de 2006, aos 78 anos, dos quais mais de cinco décadas foram dedicadas à antropologia brasileira.

Palavras-chave: ascetismo profissional, empreendedorismo acadêmico, instituidor da antropologia brasileira.

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA AND THE BRAZILIAN ANTHROPOLOGY: 1954-2006

Abstract

A special homage to Roberto Cardoso de Oliveira was conducted at the 30th annual meeting of ANPOCS (the National Social Sciences Graduate Association). The presentation recalled Roberto Cardoso de Oliveira's professional and personal accomplishments, as well as his tenacious dedication to anthropology which made him a pioneer and entrepreneur in the field in our country. The questions presented in his work reach towards the frontiers of anthropological knowledge and are his great legacy to the history of the Brazilian social sciences. In 1959 he became the main founder of the advanced courses in anthropology offered by the National Museum (Federal University of Rio de Janeiro – UFRJ) and ten years after he organized the Graduate Program in Social Anthropology at the same institution. He later developed his works at the University of Brasilia (UnB, Brasília, DF) and the University of Campinas (UNICAMP, Campinas, São Paulo). Retiring from UNICAMP in 1995 he came back to UnB, where he died in 28 July, 2006.

Keywords: professional asceticism, academic undertaking, Brazilian anthropology entrepreneur.